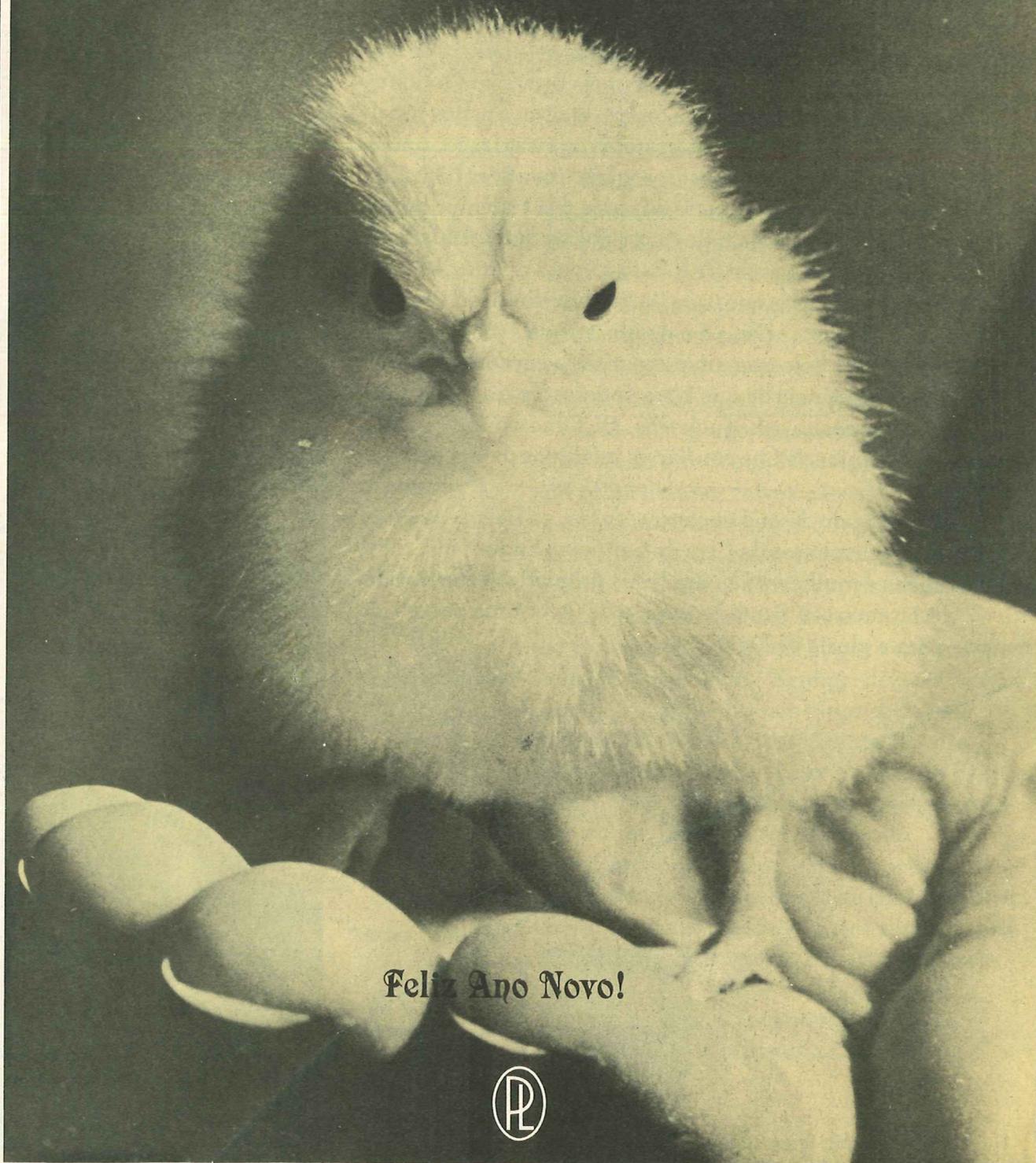


O ARAUTO

DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE JANEIRO DE 1978



Feliz Ano Novo!



A transição costuma ser ruidosa e banhada em álcool. Em alguns lugares há estrealar de foguetes, orquestras em crescendo louco, apitos de mil veículos, mais o grito agudo de sirenes. Mesmo em círculos íntimos a sobreposição de ponteiros marcando a passagem do ano é geralmente recebida com euforia e tilintar de cálices.

De há algum tempo para cá, igrejas evangélicas têm promovido um serviço especial na noite de 31 de Dezembro.

Chamado *Culto de Vigília*, traz à passagem do ano uma perspectiva mais cristã. Em certas áreas este culto é de três horas. Em outros lugares é muito mais breve. Em todos os casos, porém, conserva uma ordem mais ou menos igual: gratidão, consagração, união.

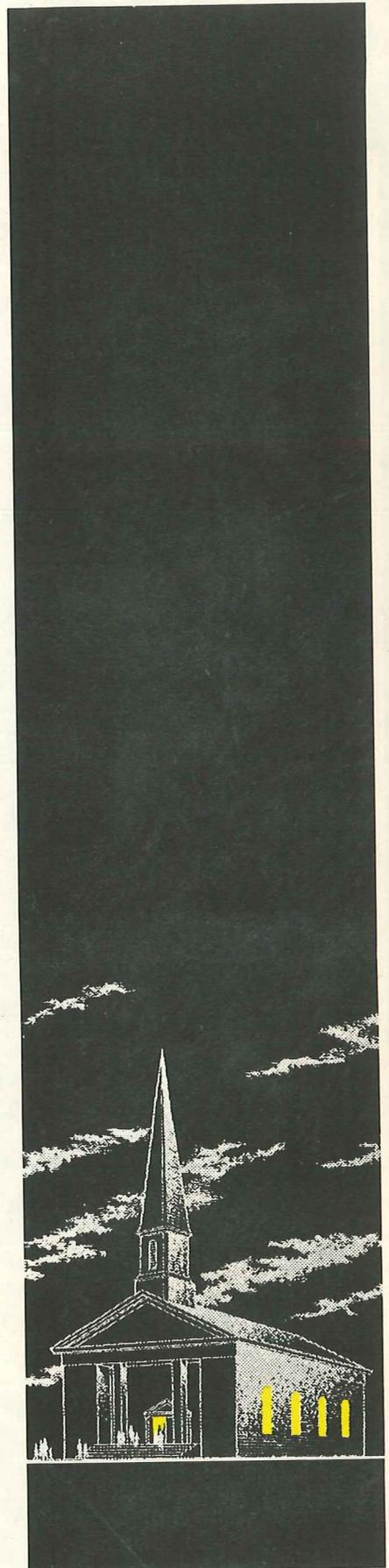
Olhando em retrospecto, a igreja "conta as bênçãos" recebidas durante o ano prestes a findar. Há testemunhos de louvor em cântico e no relato de experiências que fortalecem a fé e provam, a despeito de todas as vozes contrárias e dos incitamentos ao desânimo, que "o Senhor dos exércitos está conosco . . . Deus é o nosso refúgio" (Salmo 46:7).

Nada mais belo que um povo inteiro em consagração a Deus. A consciência de que Ele é poderoso para "guardar o nosso depósito até àquele dia" (II Timóteo 1:12), traz o movimento salutar de Lhe confiar os mistérios de um ano que vai surgir.

A passagem do ano encontra, então, os fiéis de joelhos, recebendo os elementos da Ceia do Senhor. Unidos em Cristo, homens e mulheres a quem Jesus prometeu a eternidade, declaram o seu firme propósito de viver uma parcela do tempo—para a glória de Deus. □

—Jorge de Barros

CULTO DE VIGÍLIA



DESAFIO PARA O NOVO ANO

European Nazarene
Bible College
Library



A parábola da figueira em Lucas 13 lembra-nos o novo ano. A expectativa do Mestre é expressa por estas palavras: "Venho procurar fruto nesta figueira"; o Seu desapontamento manifesta-se por "Não o acho".

Nunca é fácil avaliar o valor real do nosso trabalho durante um certo ano. Deus não nos julga durante um período como fez à figueira. Num determinado ano, as condições do trabalho podem não permitir a mesma colheita que noutro ano. Mas agrada ao Pai que demos fruto, e devemos semear a Palavra de Deus esperando resultados. Não podemos deixar de sentir o desapontamento de um ano de trabalho aturado em que todos os recursos da igreja foram investidos e nem um só membro se uniu à congregação.

O julgamento da figueira traduziu-se nestas palavras cortantes: "Por que ocupa . . . a terra inutilmente?" E a sentença foi: "Corta-a". Há um julgamento final para um ministério sem fruto. Não é pronunciado no primeiro ano; talvez não o seja no segundo ou terceiro. Mas sempre que encontramos desculpas para a nossa falta de habilidade em trazer outros a Cristo, aproximamo-nos do julgamento e veredicto finais.

O vinhateiro fez uma súplica encorajadora a favor da figueira: "Senhor, deixa-a este ano . . ." Também a nós é-nos dada esta extensão. Temos à nossa frente 365 dias, novos, inexplorados. Com a ajuda do Espírito Santo, procuremos aumentar o nosso fruto espiritual. Poderemos consegui-lo aprofundando a nossa vida devocional, fortalecendo a nossa busca de conhecimento, melhorando as nossas relações com outros e exercendo mais cuidadosamente a nossa mordomia.

Façamos deste ano um bom ano. □



—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

reflexões

—Ramón Ramírez



Feliz Ano Novo!

É a frase universal que se segue à de "Feliz Natal!" Deste modo os lábios do homem são portadores de uma mensagem bela e sincera. Nesta quadra do ano o homem procura sondar o seu coração quanto a si mesmo e às relações com o próximo.

No Ano Novo brota a esperança, fazem-se novos planos, propósitos e anelos. Desejamos que a fortuna e a dita nos favoreçam e sorriam. Todos esperamos um ano melhor.

No Ano Novo toda a gente é optimista; o faminto conta com mais pão; o doente, com saúde, e o pobre, com melhores dias. O agricultor espera melhor colheita e o comerciante a prosperidade do seu negócio. O governo pretende melhorar a sua política e as suas relações diplomáticas. O mundo inteiro almeja paz.

No Ano Novo todos nos tornamos mais sensíveis. A vida é mais fácil de levar quando nos renovamos interior e exteriormente. Sentimo-nos tão felizes como "meninos com sapatos novos", por causa da alegria que nos inunda.

No Ano Novo tudo é renovação; o "caruncho" da idade parece desaparecer; os bons sentimentos predominam. O homem, depois de se examinar conscientemente, sente náuseas do seu mau procedimento, do seu orgulho e hipocrisia; reconhece os seus erros e toma a firme resolução de se corrigir. Até tem vergonha de ser como é!

No Ano Novo julgamo-nos moral e espiritualmente, encontramos a nós mesmos e somos acusados pela voz da consciência. Então podemos ver-nos tal qual somos. Depois de tudo isso perguntamo-nos, e com razão, por que o Senhor tem sido tão misericordioso conosco.

No Ano Novo temos a coragem de ser sinceros e de reconhecer que fomos negligentes em muitas coisas. Em agonia espiritual apresentamos no altar a nossa pobre e frágil vida. O nosso orgulho quebra perante a presença do Omnipotente.

No Ano Novo devemos prestar contas da nossa mordomia da vida e dos talentos que nos foram dados para servir a causa do Senhor. Reconheçamos que estamos a um passo da eternidade e que a vida nos escapa das mãos. É hora de reafirmar a nossa fé em Deus. É tempo propício para o orgulho se humilhar, o cínico se envergonhar, o pecador se arrepender, o crente se sacrificar, consagrar e santificar.

No Ano Novo...

Façamos votos de fidelidade.

Lembremo-nos do passado e arrependamo-nos. Olhemos para o futuro com optimismo. Vivamos o presente como ponto de partida para uma vida melhor e mais fiel a Cristo.

Que Jesus seja na nossa vida o Alfa e Omega, o princípio e o fim.

Que o Espírito Santo seja o escudo da nossa vida.

Para todos, um feliz Ano Novo de 1978. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora
Capa: foto por Randy Dieter/IMAGE

Volume VII 1 de Janeiro de 1978 Número 1

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente, pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Application to mail at second-class postage rates is pending at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

ANO NOVO

—H. T. Reza



foto por H. Armstrong Roberts

Quantos anos tem? Isto é, quantos Anos Novos já festejou? Tem sido realmente diferente o primeiro de Janeiro do que foi 31 de Dezembro? Apenas amontoou anos ou cada ano tem sido melhor que o anterior? Tem procurado qualidade ou, simplesmente, quantidade?

Muitos desejam que o ano novo seja mais benigno que o anterior. Outros suspiram por novas oportunidades, pois sentem-se defraudados no ano velho. Há quem faça planos para melhorar a sua posição, trabalho e riqueza. Alguns pensam casar-se e constituir família. Quase inconscientemente, muitos têm a ideia de que o tempo dá ou nega a sua bênção. É um conceito fatalista.

O tempo nem é novo nem velho. É apenas duração e carece de qualidades. Em sentido restrito não há bom tempo, isto é, tempo moral, nem mau tempo ou imoral. Falar de tempos difíceis é só revelar os temores internos do indivíduo; afirmar que há tempos alegres é exprimir uma opinião que carece de fundamento.

O tempo não nos dá êxito nem nos faz fracassar. Não nos torna bons ou maus, pobres ou ricos. Por permissão de Deus existimos dentro da grandeza chamada tempo e este mede-se por segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, décadas e séculos. O indivíduo comemora tantos Anos Novos quantos anos tiver. Que tem feito você com os seus? Têm sido realmente novos?

Não procuro saber se tomou novas resoluções, se dependurou novo calendário na parede de sua casa ou se mudou de residência. É uma nova pessoa, ou continua na mesma trajetória de antes, com os mesmos hábitos, as mesmas más companhias e os mesmos desejos e aspirações do ano passado?

Fala-se muito de "ano novo, nova vida." Mas chega o mês de Fevereiro, depois Março e logo Abril; o ano novo torna-se velho e você continua sendo a mesma pessoa. Dezembro estará à porta e você continuará no mesmo lugar—apenas mais velho e mais desiludido.

No jornal de hoje li um arremedo de poema que dizia:

*O almanaque e os relógios conspiram com furor,
fazem-nos começar e ouvir estas frases:*

"Viva!" "Tudo vai bem!", dizem,

e não é verdade, pois nem tudo corre bem.

Andamos como que suspensos,

aparentamos calma

mas há luta na alma;

O almanaque e os relógios conspiram em vão:

nós bem sabemos o que somos.

O tempo passará e ficaremos

o mesmo que ontem fomos

e nada mais nem menos.

Se é esta a sua experiência, então o problema é interior, está dentro de si. Mas neste caso o seu "velho homem" pode ser crucificado e você nascer para uma nova vida. Paulo disse: "Se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (II Coríntios 5:17). Cristo pode fazer com que você se torne uma nova pessoa. Se fracassou em tornar-se realmente "novo" neste ano, experimente outro método e aceite Jesus Cristo como seu Salvador. Ele transformará a sua alma e dar-lhe-á novo poder para alcançar os ideais adequados à sua personalidade. □

TEMPO TEMPO TEMPO TEMPO TEMPO TEMPO

—W. T. Purkiser

É vulgar dizer-se que há duas espécies de tempo: um é o "tempo objectivo" ou cronológico, que se mede por meio de calendários e relógios, baseado na rotação da Terra sobre o seu eixo e na sua translação à volta do Sol.

Os segundos, os minutos, as horas, os dias, as semanas, os anos e os séculos são medidas objectivas de tempo. Todos nós, em maior ou menor grau, orientamos as nossas vidas com referência ao tempo cronológico.

Uma das ironias da história é que todo o mundo—ateu, comunista, pagão, judeu e cristão—mede o tempo com base na vida terrena de Jesus Cristo que viveu na Palestina há quase vinte séculos.

De cada vez que um incrédulo escreve uma data—por exemplo, 1 de Fevereiro de 1978—conscientemente ou não, faz alusão a Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo se efectuou "na plenitude do tempo" e cuja vida, paixão, morte e ressurreição dividem a história humana em a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo).

Esta espécie de tempo não depende do homem; pelo contrário, todos dependemos dele. O tempo passa e "não espera por ninguém". Não podemos impedir a sua marcha inexorável.

Porém, há outra espécie de tempo. Poderíamos chamá-lo "tempo subjectivo". Relaciona-se com a nossa vida, com a nossa

maneira de viver.

Diz um professor de homilética: "Não há sermões grandes ou pequenos. Há, sim, sermões que parecem grandes e sermões que parecem pequenos".

Meia hora passada no dentista parece um ano; ao contrário, meia hora passada em alegre convivência com amigos parece um minuto.

Há outro aspecto desta espécie de tempo que é de suma importância. Alguns momentos de tempo subjectivo podem ocupar na nossa vida muito mais "lugar" que muitas horas, simplesmente pelo que representam para nós.

O psicólogo Rollo May apresenta a ilustração de um jovem que gastou uma hora no metropolitano para ir para o trabalho, outra para voltar, oito horas no escritório, dez minutos a falar com uma moça de quem está enamorado e duas horas numa aula nocturna.

As duas horas que passou no metropolitano não lhe deixaram recordações importantes. Na verdade, ele fechou os olhos e procurou dormir um pouco—para suspender o tempo.

As oito horas no emprego nada o impressionaram, e pouco mais as duas horas de aula.

À noite, o moço tem quatro sonhos: um relacionado com a aula e três com a namorada. Os dez minutos que passou com ela ocuparam mais "lugar" na sua vida que o resto das horas do dia.

A passagem do tempo não é tão importante como o seu significado—quanto às nossas esperanças, ansiedades e mesmo crescimento.

Dez minutos em oração podem fazer-nos mais diferença que muitos dias e semanas de canseiras. Um encontro com Deus na conversão e na inteira santificação fazem maior diferença que muitos anos de auto-justificação.

Além do tempo cronológico e do subjectivo (*cronos* e *hora*), o Novo Testamento ainda regista outro—*kairos*. Significa um período ou ocasião definida, de perigo ou de oportunidade. É a palavra empregada para uma crise, um momento decisivo.

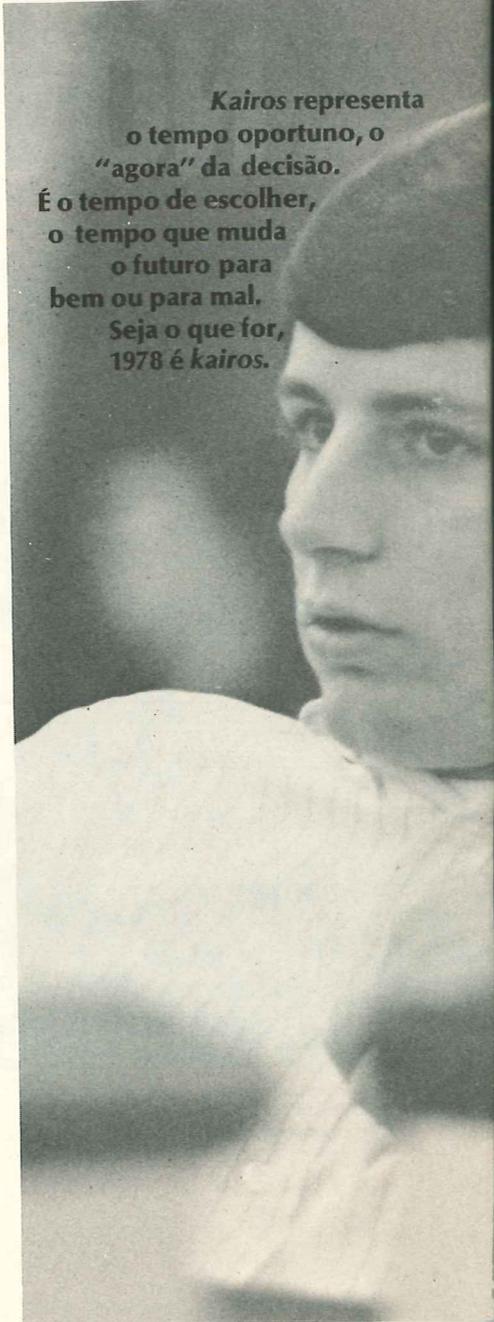
Kairos representa o tempo oportuno, o "agora" da decisão. É o tempo de escolher, o tempo

que muda o futuro para bem ou para mal.

Seja o que for, 1978 é *kairos*. Não apenas *cronos*, duração, 365 dias. Estes constituem a estrutura na qual serão feitas importantes decisões. São dias decisivos para o mundo e para o ser humano.

Viver, ser homem, significa ter de decidir constantemente. O facto de não se decidir algo é já, em si, uma decisão.

Tudo isto se aplica à resposta humana à chamada de Deus ao arrependimento e à santidade. Jesus disse: "Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores ao arrependimento" (Lucas 5:32). E Paulo escreveu a crentes ainda não santificados: "Porque não nos chamou Deus para a imundície, mas para a santificação" (I Tessalonicenses 4:7).



Kairos representa o tempo oportuno, o "agora" da decisão. É o tempo de escolher, o tempo que muda o futuro para bem ou para mal. Seja o que for, 1978 é *kairos*.

Estas palavras exigem acção imediata por parte do homem, uma resposta positiva ou negativa, para bem ou para mal. Guardar silêncio, permanecer indeciso, equivale a uma resposta negativa.

“Que horas são?”

“Mais tarde do que pensamos!”

“Que é o tempo?”

Não é só aquele que se mede pelos relógios e calendários, nem tampouco só o tempo subjectivo. É *kairos*—tempo de escolher, de procurar e de decidir quanto ao futuro.

“E isto digo, conhecendo o tempo [*kairos*], que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitámos a fé” (Romanos 13:11). □



A CANÇÃO DO AMOR DE DEUS

—Manuel Brito Semedo
Santiago, Cabo Verde

O canto é o melhor meio de divulgar e gravar ideias no coração do povo. A Igreja Cristã, desde os seus primórdios, tem usado este meio de expressão rítmica.

Moisés, chegando ao fim da sua carreira como líder do povo israelita, olhou retrospectivamente e ensinou o seu último cântico (Deut. 32). Este cântico é a história do povo israelita, ao mesmo tempo que é a história da nossa vida espiritual. Vejamos o verso 11:

COMO A ÁGUIA DESPERTA O SEU NINHO, ASSIM DEUS CHAMA O SEU POVO:

Deus achou-nos no deserto. Deserto da insatisfação onde enchíamos o estômago com as bolotas do mundo. Deserto da sede de amizades verdadeiras e compreensão genuína. Deserto da sombra da morte, com perigos vários, perseguição e tendência para vícios e maldade.

Deus achou-nos cheios de uivos de desespero. Ninguém nos estendia a mão senão para nos afundar cada vez mais. Todos troçavam de nós. Estávamos desesperados porque não conhecíamos uma via de escape.

Deus trouxe-nos ao redor. Despertou-nos da nossa vida miserável. Para alguns foi por intermédio de um cântico, para outros foi por uma pregação e, para outros ainda, por meio de um folheto. Ele chamou-nos para convivência com Ele, para perdão, reconciliação e comunhão.

COMO A ÁGUIA SE MOVE SOBRE OS SEUS FILHOS, ASSIM DEUS INSTRUI O SEU POVO:

Deus nos instrui com a Sua Palavra. Na relação inter-pessoal, ela nos orienta: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”. Na relação homem-comunidade, ela nos aconselha: “Sede benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros”. Na relação homem-Deus, ela nos desafia: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento”.

Deus nos instrui com repreensões. Isto através das Escrituras inspiradas, através dos Seus mensageiros que muitas vezes são considerados intrometidos ou vistos como inimigos pessoais.

Deus nos instrui também com açoites. Muitas vezes são açoites de humilhação. Quando nos exaltamos demais, Deus nos põe na nossa medida própria. Por vezes, até as nossas doenças físicas ou um desastre ocorrido a qualquer amigo íntimo podem, também, chamar a nossa atenção e levar-nos a buscar a Deus e a meditar na nossa relação com Ele.

COMO A ÁGUIA ESTENDE AS SUAS ASAS, TOMA SEUS FILHOS E OS LEVA SOBRE AS ASAS, ASSIM O SENHOR GUARDA OS SEUS:

As águias ensinam os seus filhos a voar. Da mesma forma Deus faz o homem crescer na graça. Ele nos ensina a dar os primeiros e hesitantes passos na vida cristã. Ele leva-nos a ingerir os primeiros rudimentos de doutrina.

As águias guardam os seus filhos de caírem. O interesse de Deus para conosco é expresso pela frase “como menina do seu olho”, a parte mais delicada e sensível do corpo. Ele insufla ânimo para persistir e oferece apoio: “Eu te sustento com a dextra da minha justiça”.

Cantemos a chamada de Deus, a Sua instrução e os Seus cuidados. □

**"No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor..."
(1 João 4:18).**

O medo é a grande doença do nosso tempo. Muitas pessoas vivem envoltas pelas sombras do temor. Receiam o futuro, catástrofes, doenças, o fracasso, a perda de coisas valiosas, o isolamento e, até, a própria vida. Este estado interior de contínuo sobressalto, de expectativa penosa e angustiante, ofusca os melhores momentos, tira a felicidade e a alegria de viver e transforma as nossas responsabilidades ou compromissos em cargas pesadas e difíceis de transportar.

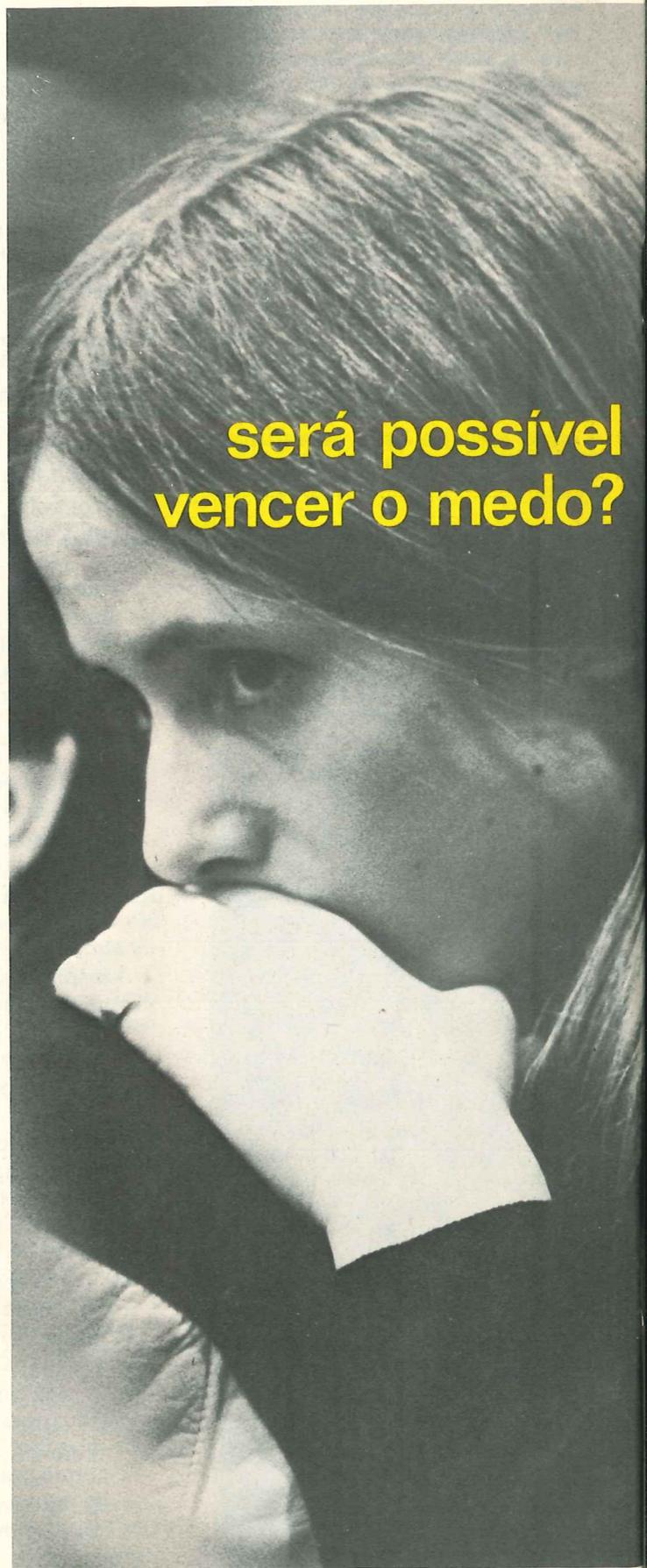
A psicologia actual trata de explicar estes estados de diferentes maneiras e pretende descobrir as motivações que concorrem para os produzir. A psiquiatria procura com afã aliviar esta situação por meio de drogas denominadas calmantes ou ansiolíticas e, por certas técnicas psicoterápicas, pretende descarregar a tensão interior e suprimir a angústia. No campo da religião há perplexidade e cepticismo quanto à experiência da conversão poder resolver num instante todos os conflitos e aliviar tensões e receios. Por outro lado, o panorama oferecido pelas nossas igrejas e os estudos e estatísticas realizados entre os crentes confirmam tal afirmação.

Manifestações do medo no comportamento humano.

Devemos chegar a acordo quanto aos termos que se usam para definir o que vulgarmente se chama medo ou temor e conhecer os diferentes disfarces com que estes se manifestam no comportamento humano. Desde a ligeira intranquilidade que pode passar despercebida ou manifestar-se como dor de estômago ou enxaqueca, até ao estado de pânico ou pavor que leva à morte por choque emocional ou ao suicídio, há uma infinidade de transtornos em que o medo é o denominador comum.

Os termos tão difundidos de ansiedade ou angústia, usados para definir o estado interior de muita gente, não são "qualitativamente" diferentes do temor ou medo. Ainda é válida a afirmação de Kant que falou da angústia simplesmente como um grau do medo. Heidegger definiu angústia como temor ao indefinido ou indeterminado; e medo como temor a um perigo real e definido. Freud, ao contrário, para os distinguir, chama "angústia real" à emoção que se experimenta diante dum perigo determinado vindo do exterior. Por sua vez, Kierkegaard confunde os termos quando no seu "Conceito de Angústia" escreve: "Aquele medo, aquele horror ante o abismo da nossa consciência". Tudo isto nos leva a crer que, mesmo para os que estudam psicologia, estas emoções expressam de maneiras diferentes a mesma coisa.

Para o professor Lopez Ibor também as fobias não passam de temor disfarçado. Escreve em *Psiquiatria e Crise Existencial*: "Na Psiquiatria Clássica descrevem-se muitas fobias; no princípio cada uma delas tinha o seu nome, mas pouco a pouco estes foram caindo em desuso, e com razão, porque o medo mórbido de cada doente é um modo pessoal de viver a angústia, de concretizar os seus temores".



**será possível
vencer o medo?**

foto por Thomas E. Saner

As tão difundidas doenças psicossomáticas têm no temor e na angústia o seu núcleo de estruturação. Os flagelos do nosso tempo já não são a tuberculose, a varíola, a peste ou a febre amarela; estas doenças já foram derrotadas. Em troca levantam-se hoje ameaçadoras as doenças cárdio-vasculares, as úlceras de estômago e duodeno, a asma brônquica e toda a espécie de alergias em cuja etiologia o temor e a angústia ocupam lugar proeminente.

Sem dúvida que as guerras são terríveis. Enche-nos de horror e de consternação pensar que meio milhão morreu na Segunda Guerra Mundial. Mas talvez para muitos tenha passado despercebido que no mesmo período um milhão de pessoas morreram de doenças cardíacas. Além disso, conforme as estatísticas da Organização Mundial de Saúde, somente durante 1964 morreram de úlceras do estômago e duodeno, 15 000 pessoas. O panorama torna-se muito mais sombrio se descobirmos que não só estes transtornos aumentam vertiginosamente, mas que o seu controle é extremamente mais difícil que o das doenças infecciosas antigas. Para estes problemas sociais tão difíceis, emoções desordenadas, preocupações e temores, drogas não são suficientes. Diante de tudo isto surge a pergunta que motivou estes apontamentos.

Como vencer o medo?

É evidente que nunca conseguiremos erradicar em absoluto o medo da nossa vida. Por outro lado, uma pequena dose de receio faz parte normal e necessária da nossa estrutura emocional. Serve para nos defender, pois torna-nos conscientes do perigo e ajuda-nos a não correr riscos que estão acima das nossas possibilidades humanas. Lembra-nos também que somos seres finitos e que a nossa sabedoria e fortaleza têm um alcance muito limitado.

Mas como crentes temos a obrigação de nos libertar do temor que paraliza e destrói, que nos tira a felicidade e a alegria de viver e que denuncia falta de fé e confiança no nosso Deus. Há recursos espirituais e psicológicos que devemos aprender a usar e que nos ajudarão nesta luta.

Em primeiro lugar, *precisamos de aprender a manobrar a nossa razão, que também é um dom de Deus*. Submeter todos os nossos temores ao cálculo de possibilidades e desterrar tudo o que é irracional e caprichoso. Isto ajudar-nos-á muito a ver-nos livres dos receios e temores fictícios que nascem na imaginação. O que há na nossa mente é muito importante; assim nos advertiu o apóstolo Paulo quando disse: "Quanto

ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai" (Filipenses 4:8). Lutemos por colocar todos os nossos instintos e emoções sob o domínio da razão e procuremos desenvolver, até onde nos seja possível, uma atitude interior de compreensão e sensatez.

Em segundo lugar, *precisamos de assumir uma atitude de segurança e confiança como filhos de Deus*. Simplesmente aprender a sentir-nos protegidos e seguros na Sua forte mão. Não esqueçamos que o temor é também falta de fé no Seu infinito amor e providência, a negação da veracidade das Suas promessas. Ouçamos Jesus Cristo: "Não andeis pois inquietos dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? (Porque todas estas coisas os gentios procuram.) De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis pois pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal" (Mateus 6:31-34).

Tenhamos fé não somente que Deus nos ama e conhece todas as nossas necessidades, mas também que é poderoso para as suprir com abundância. Ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; actua no mundo e na história, nada escapando ao Seu domínio e poderio. Por que temer então? Precisamos da fé de Paulo que disse ao escrever aos filipenses: "O meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades" (Filipenses 4:19).

Em terceiro lugar, *devemos aprender a amar e a dar-nos como o próprio Jesus Cristo fez*. Aqui está o segredo da vitória na vida do crente, e a maneira como a Bíblia nos sugere para vencer o temor e a ansiedade. Disse o apóstolo João: "No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor..." (I João 4:18).

Uma das causas do aumento do temor nos nossos dias é a diminuição do amor. A Bíblia diz claramente que entre ambos há relação inversa. Estamos a viver numa crise de amor em que cada qual vive para si. Devemos vigiar zelosamente para que na nossa vida não haja inveja ou atitudes egoístas e mesquinhas. Não temamos, porque o Espírito Santo mora em nós, como Paulo esclarece: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor e de moderação" (II Timóteo 1:7). □

—Daniel E. Tíno

Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

Na nossa vida o calendário marca, sem dúvida, o seu lugar como um dos utensílios básicos e mais importantes na engrenagem da civilização moderna.

O calendário, pendurado na parede da cozinha ou da copa, integra-se no planejamento da vida doméstica; sobre secretárias, ajuda-nos a organizar cuidadosamente o futuro; no bolso, lembra-nos assuntos importantes e inadiáveis; no coração, fala-nos de entes queridos, de aniversários, de ocasiões inolvidáveis, de datas que nos marcaram indelevelmente.

O calendário liga as pessoas no tempo, ainda que afastadas no espaço por milhares e milhares de quilómetros.

Que poder, o de um simples calendário!

Por vezes tenho recebido calendários de pessoas que me são queridas e que, por isso mesmo, ainda têm maior poder de comunicação. Por exemplo, no início de um ano recebi um calendário especial que muito me comoveu. Além de me falar da amizade da pessoa que mo ofereceu, traz ainda impressas estas palavras sagradas: "Em tudo dai graças" (I Tess. 5:18).

Eram palavras bem minhas conhecidas e já de grande significado para mim. Mas isso de entrar na copa e ler sempre "Em tudo dai graças", foi um verdadeiro incentivo em cada um dos dias do ano. Por um poder especial, habituei-me, mais do que nunca, a fazer das minhas orações verdadeiros cultos de acção de graças.

Não compreendemos, por ve-



zes, os desígnios de Deus, sobretudo quando eles parecem contrariar a nossa expectativa ou malograr a nossa mais cara esperança. A longo prazo, contudo, verificamos que, na realidade, "todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem dos que amam a Deus" (Romanos 8:28).

Quando procuramos analisar os acontecimentos da nossa vida, separadamente, parece-nos que alguns vales tenebrosos foram

feitos para nos afundarmos; mas, se juntamente examinarmos o resto, divisaremos montanhas altas e cheias de luz que conseguiram dominar os vales sombrios. E, assim, aprendemos a dar graças, até mesmo pela dor. De pensamento profundo, o poeta Mário Pinto escreveu:

*"Bem hajás, ó sofrimento!
Bem hajás, sim, porque apuras
As almas das criaturas,
Dando-lhes mais sentimento."*

Sim, aprendemos não só a vislumbrar a instrumentalidade do sofrimento, como ainda a dar valor às coisas mais insignificantes, uma vez que a vida, na realidade e afinal de contas, é feita de pequenos nada que adquirem forma e importância segundo o fôlego que se lhes soprar.

Que saibamos imprimir um espírito construtivo, um sentido utilitário, um objectivo edificante a tudo quanto pensarmos ou fizermos. Ainda que incompreendidos, encontrar-nos-emos a dar graças pelo cumprimento da nossa rotina, por mais desenxabida que ela nos pareça, e a dizer, como o apóstolo Paulo na prisão: "Já aprendi a contentar-me com o que tenho" (Filipenses 4:11).

É o calendário, embora já ultrapassado, ainda hoje lá se encontra pendurado numa das paredes da minha copa. Não que eu quisesse fazer parar o tempo, não. É que ainda não tenho outro para colocar em seu lugar e esse continua falando . . . "Em tudo dai graças . . ." □

*Mindelo, Cabo Verde



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

SANTA OUSADIA



—Oscar F. Reed
Professor do Seminário Teológico
Názareno em Kansas City.

Foi de surpresa a minha primeira impressão diante das palavras de Paulo: “Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores” (I Coríntios 4:16). Que arrogância! Como pode um ser humano dizer a outro: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (I Coríntios 11:1)?

Mas, então, olhei mais atentamente. Paulo não disse: “Sede meus imitadores, pelo que sou em mim mesmo”; mas: “Sigam o meu exemplo, assim como eu sigo o de Cristo”, ou seja: “Na medida em que sigo a Cristo, segui-me”.

Não são muitos os que teriam a audácia de usar as palavras de Paulo. Mas há uma “santa ousadia” que arrisca tudo em obediência, para fazer tal declaração.

Poucos são dignos de esboçar tal pedido. No entanto, se somos obedientes, podemos possuir as mesmas qualidades de caráter que levaram Paulo a fazê-lo. Este é o alicerce de qualquer ética cristã! Paulo não era um super-homem, embora fosse um apóstolo. O contexto da passagem dá-nos três razões que o capacitaram a dizer: “Sede meus imitadores”.

Estava pronto a deixar-se expor por Cristo. Paulo não tinha receio da imagem que apresentava a outros. Deus fizera nele uma grande obra, e o apóstolo não receava mostrar-se com uma franqueza que envergonha a muitos de nós. Estava disposto a abrir-se a outros por amor do evangelho.

Muitos de nós preocupamo-nos com a impressão que deixamos nos outros e por isso receamos expor-nos. Já fomos “queimados” em vezes anteriores e não queremos sê-lo novamente. E, contudo, é aí que se testa a obediência.

Era indiferente para com as coisas exteriores. O modo de vida de Paulo era caracterizado pela simplicidade. Embora estivesse à vontade no ambiente mais requintado, também se sentia bem nas circunstâncias mais modestas. Possuía tanta graça de Deus que lhe ditava uma boa atitude para com todas as pessoas.

Esse seu espírito incluía a sua relação com as necessidades materiais da vida (I Coríntios 4:11), uma disposição de aceitar as tarefas mais humildes (v. 12) e boa vontade em suportar perseguições (v. 13). Tinha aprendido a adaptar-se às mais diversas circunstâncias.

Mostrou um amor desinteressado que o levou a sacrificar-se pelas necessidades alheias. Paulo nunca se exaltou em detrimento de outras pessoas (I Coríntios 4:14); tratou, sim, de edificar e fortalecer os que o rodeavam. O seu amor era genuíno, como o amor de Cristo, de tal modo que o termo “irmão” tornou-se a expressão mais significativa no seu lidar com os crentes.

Sabeis por que podia Paulo dizer com santa ousadia: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”? Porque ele tinha motivos transparentes, era indiferente a coisas, e o seu amor era altruísta. Que mais se pode dizer duma vida irrepreensível?

Às vezes abro as epístolas aos coríntios e procuro vislumbrar o meu irmão apóstolo Paulo: elogiado e, também, desprezado; rico da graça de Deus, mas pobre em recursos pessoais; constantemente edificando sobre o único Alicerce seguro—Jesus Cristo. Quero seguir Aquele que Paulo seguiu, orando para que alguém possa ver Jesus em mim.

A franqueza tem os seus riscos, mas a pessoa santificada tem a audácia de seguir o Mestre em aberta obediência—e assim, sem o saber, tornar-se uma exortação constante para aqueles que desejam ver Cristo encarnado nos Seus seguidores.

Paulo mostrou tal disposição, apesar de isso lhe acarretar toda a sorte de adversidades—como geralmente acontece!

Por causa do seu ministério, expôs-se à morte (I Coríntios 4:9), à crítica do mundo (vs. 9-10) e à pobreza (v. 10). Expôs-se à mágoa de não ser reconhecido (v. 10), mas suportou tudo por amor de Cristo. Não é de estranhar que pudesse dizer: “Sede meus imitadores”. □



ANO MELHOR—TUDO MAIOR!

—Armando de Sá Nogueira*

Recuou o ano de 1977. Mas em milhares de vidas há ainda reminiscências—as marcas do passado, ceifando o que semearam. O ano pode passar, mas algumas recordações amargas, falhas, pecados escondidos ficam . . . e tudo isso deve ser arrumado e posto de lado.

Na Bíblia encontraremos as coisas mais importantes que deveremos buscar com todo o interesse e zelo para começarmos bem o ano com o Senhor.

Procuremos fazer o MAIOR PEDIDO. O salmista Daví fez o seu maior pedido nestas palavras: “Uma coisa pedi ao Senhor, e a buscarei: que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do Senhor, e aprender no seu templo” (Sal. 27:4).

Resumindo, ele queria viver sempre perto da vontade do Senhor. Que belo pedido no começo de um ano!

Deus só não atende pedidos para a nossa glória pessoal e que não beneficiem a Sua obra. Foi o que aconteceu com Tiago e João, filhos de Zebedeu, com este pedido arrojado e pretensioso: “Concede-nos que na

tua glória nos assentemos um à tua direita e outro à tua esquerda” (Mar. 10:37).

Do princípio ao fim, a Bíblia é um livro cheio de pedidos. Jesus aconselha: “Pedi, e dar-se-vos-á . . .” Se muitos crentes dessem uma atenção maior às coisas de Deus, teriam certamente maiores respostas às suas orações. Façamos no começo deste ano o nosso maior pedido.

É bom que reconheçamos a nossa MAIOR NECESSIDADE—aprender aos pés do Mestre em oração. É a maior necessidade de todos: oração, oração e mais oração. Jesus certa vez alertou a Marta: “. . . estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária . . .” (Luc. 10:41-42). Marta representa aqueles crentes tão atarefados que não arranjam tempo para o mais importante e necessário—aprender, em oração, aos pés do Mestre!

Enquanto não considerarmos tudo na vida supérfluo, e a vitória na vida cristã o mais importante, não poderemos crescer e atrair uma genuína visitação do Espírito. Temos de dar alguma coisa para a riqueza da nossa vida espiritual. Neste caso é o tempo—alguns minutos com Deus, diariamente, mudarão as coisas.

Fazendo assim teremos a MAIOR CERTEZA—o que Deus já fez ou fará dentro de nós. Quando Jesus curou o cego de nascença, este foi possuído de uma extraordinária certeza: “Uma coisa sei e é que, havendo eu sido cego, agora vejo” (João 9:25) Uma coisa sei—Deus mudou por completo a minha vida e coração. Aleluia! Nem o diabo pode alterar a minha e tua maior certeza. Um crente testemunhou: “Não é presunção minha dizer que tenho tanta certeza de que estarei no céu quanta tenho de que Jesus Cristo estará lá”. Mas que certeza!

No começo deste ano é bom que façamos um teste espiritual:

- Tenho interesse em não perder nenhum culto?
- Tenho compreensão suficiente do valor da prática da mordomia cristã?
- Tenho verdadeira paixão pelas almas perdidas?

O Espírito Santo nos ajudará a fazer todas estas perguntas fulcrais e a conservar a MAIOR POSSESSÃO—o poder de Deus dentro de nós. “Mas recebereis a virtude [*poder*] do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas . . .” (Actos 1:8).

O apóstolo Paulo, por ter recebido tal bênção, afirmou: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Louvado seja Deus por tal realidade ainda hoje em muitas vidas!

A nossa religião é de poder. Poder para resistir à tentação; poder de carácter; poder para fazer o bem, mesmo quando o mal nos rodeia; poder para prevalecer, insistir.

Que com a MAIOR POSSESSÃO todos nós saibamos dizer: Posso todas as coisas para a Sua glória e honra neste ano! □

*Santiago, Cabo Verde



BONS DIAS EM 1978

—José Pacheco

31 de Dezembro.
Tarde fresca com muito vento. Conversávamos animadamente enquanto nos dirigíamos de carro até ao centro de Los Angeles, Califórnia. Ao sair da auto-estrada e entrar no centro

comercial da cidade, verificámos que o vento levantava milhares de papéis multicores e que as ruas estavam cheias de lixo. Um jovem que nos acompanhava perguntou: “Por que está tão suja a cidade? Não só há lixo nas ruas, mas também no ar, contaminando tudo!”

Depois de estacionarmos o carro e caminharmos pelas ruas, compreendemos a razão de tanto lixo: das janelas dos edifícios eram lançadas ao vento as folhas usadas dos calendários do ano prestes a terminar.

Alguém explicou-nos posteriormente que se tratava de uma antiga tradição de fim de ano, observada, sobretudo, pelos escritórios do centro da cidade.

Em todas as povoações, cidades e países se observam tradições da passagem de ano. Em muitos países latinos são organizadas grandes festas que duram toda a noite, com manjares diversos, enquanto as pessoas conversam ou jogam ao calor da fogueira, ou lançam foguetes e visitam amigos.

A tradição que se observa no centro comercial de Los Angeles fez-me pensar um pouco sobre o ano velho e o novo. Porventura, apagar-se-ão todas as recordações dos doze meses anteriores com atirar ao vento as folhas usadas do calendário? Será possível esquecer-se das faltas, erros e pecados, bem como de todos os momentos alegres do ano, ao dar as boas-vindas ao ano novo? Referir-se-á a isso o compositor da canção popular que recomenda: “Lança as tuas penas ao vento”?

A Bíblia dá muita importância ao tempo, aos nossos dias. Muitos dos seus escritores exortam ao aproveitamento do tempo e a dar à vida, sendo tão curta, o valor que merece.

Paulo escreveu aos efésios: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus” (Efésios 5:15-16).

O verbo “remir” no original grego significava “comprar algo de outra pessoa, libertar, aproveitar de uma oferta, assegurar-se de alguma coisa para uso próprio, resgatar o que estava perdido ou que se tinha aplicado mal”.

Além disso, é usado neste versículo no presente, significando que a exortação paulina deve ser lida assim: “Continuem a remir o tempo, aproveitando-o bem quotidianamente”.

A razão, segundo Paulo, era muito poderosa: “Porquanto os dias são maus”. Também os 365 dias de 1978 serão maus? Em que consistem os dias maus e os bons? Que ou quem os faz bons ou maus?

Se você deseja passar “bons dias” em 1978, siga o conselho do Salmista repetido pelo apóstolo Pedro: “Porque, quem quiser amar a vida e ver os *dias bons*, refreie a sua língua do mal, e os seus lábios não falem engano; aparte-se do mal e faça o bem: busque a paz e siga-a” (I Pedro 3:10-11). □

Dois meninos que nunca tinham frequentado uma igreja, vagueavam certa noite pela vizinhança. Chegaram a um templo onde se celebrava um culto, e espreitaram pela janela.

A reunião processava-se aparentemente sem vida, e o pobre pregador procurava estimular a alguns testemunhos. Depois de cada testemunho sem entusiasmo havia um longo e enfadonho silêncio interrompido, apenas, pela voz do ministro, perguntando: "Quem é o próximo? Quem é o próximo?"

Após observar por algum tempo, um dos meninos murmurou: "Que estão eles a fazer lá dentro?"

O outro respondeu: "Não sei; mas, seja o que for, é algo de que não gostam!"

Se a religião perdeu alegria, a culpa não é de Deus. A Bíblia diz: "E vós, com alegria tirareis água das fontes da salvação" (Isaías 12:13). Num mundo de tensão e incerteza, o cristão genuíno pode ter o gozo e a felicidade que provêm apenas da verdadeira comunhão com Deus.

Alguns pensam que a religião é algo melancólico, triste e pouco convidativo. Phillips Brooks disse: "A religião que faz um homem parecer doente, certamente não curará o nosso mundo!"

A Palavra de Deus afirma: "O coração alegre aformoseia o rosto" (Provérbios 15:13). Quando a vida de alguém está de harmonia com Jesus, há motivo de alegria.

Na Índia, um hindu perguntou a um cristão: "Que remédio pões no rosto para o tornares tão brilhante?"

Bastante surpreendido o homem respondeu: "Eu não ponho nada".

O hindu continuou: "Sim, pões! Todos os cristãos o fazem. Sempre que encontro cristãos vejo brilhar o seu rosto!"

Então o cristão compreendeu e concluiu: "O remédio que faz brilhar os nossos rostos é a alegria que brota dos corações onde Jesus mora!"

A Bíblia é verdadeira: "O coração alegre serve de bom remédio" (Provérbios 17:22).

O cristianismo tem sido chamado "uma religião de êxtase". A atmosfera da presença de Jesus é de gozo. Billy Sunday estava certo quando escreveu: "Se não tendes alegria na vossa religião, há algures um buraco no vosso cristianismo".

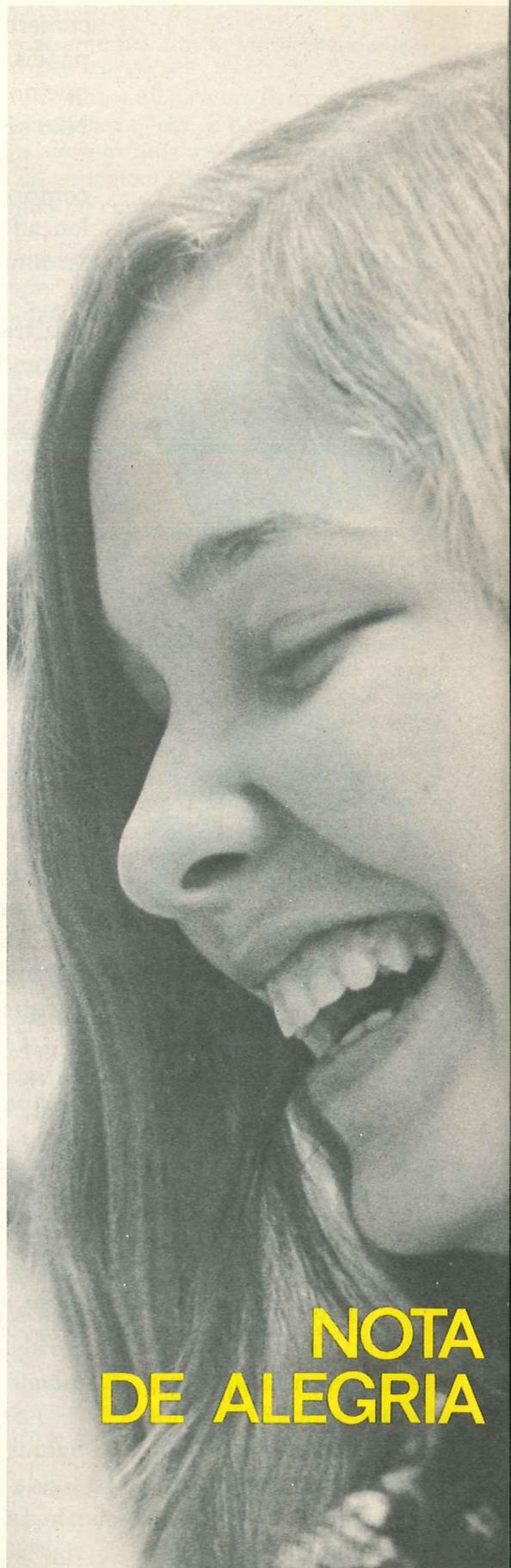
Quando a vida parece triste e sombria, Jesus convida os homens a entrar no Seu reino de alegria. Ele diz aos que estão sobrecarregados: "Tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33).

Há alegria no perdão dos pecados. Jesus Cristo enche a vida de gozo. Com efeito Ele disse: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (João 10:10). A Sua vida abundante não é triste nem anêmica, mas é de "gozo inefável e glorioso" (I Pedro 1:8).

No tempo em que reis e rainhas governavam a Europa, havia o costume de içar a bandeira no castelo ou cidade onde eles residiam. Se o Rei dos reis vier habitar nos Seus discípulos, estes devem levantar a bandeira da alegria no castelo do seu coração. A alegria indica que Jesus veio para ficar!

*Tu queres gozo, verdadeiro gozo,
Deixa Jesus em ti entrar.
Do mal te livrará,
A luz Ele te dará,
E a vida te renovará.
Tu queres gozo, verdadeiro gozo,
Deixa Jesus em ti entrar! □*

—Randall E. Denny



**NOTA
DE ALEGRIA**



IGREJA DO NAZARENO RECONHECIDA OFICIALMENTE

A igreja do Nazareno em Hong-Kong foi reconhecida oficialmente. Este é o primeiro passo para o começo da obra nessa ilha tão populosa. Havendo grande escassez de terreno e sendo o seu preço astronômico, o Rev. John Holstead crê que foi providencial poder comprar o vigésimo andar de um edifício comercial para a sua primeira igreja. Os missionários haviam iniciado serviços vespertinos e reuniões da mocidade logo que conseguiram um lugar para morar. Em Maio as actividades da igreja foram transferidas para as novas instalações. Como em todas as grandes cidades, o trabalho de visitação é imperativo; e embora haja muitas portas fechadas, também há corações famintos que respondem.

DISTRITO PIONEIRO

Uma nova frente nazarena no gigantesco Brasil. Com sede em Curitiba e sob a liderança do Rev. Rex Ludwig, os nazarenos do Brasil começaram a sua arrancada para o sul do país.

Felicitemos a igreja nascente, desejando-lhe um crescimento rápido, para a glória de Deus.



Junto à capela provisória levantada no terreno já adquirido para as instalações permanentes, os presentes ao primeiro culto celebrado.

VISITA A CUBA

O Dr. H. T. Reza recebeu um visto para visitar Cuba. É a primeira vez em 16 anos que uma entidade da sede da Igreja do Nazareno tem podido visitar o nosso trabalho em Cuba.

Durante a sua estadia de seis dias, o Dr. Reza dirigiu a Assembleia Distrital e também visitou todas as 18 congregações e missões da Igreja do Nazareno nesse país.

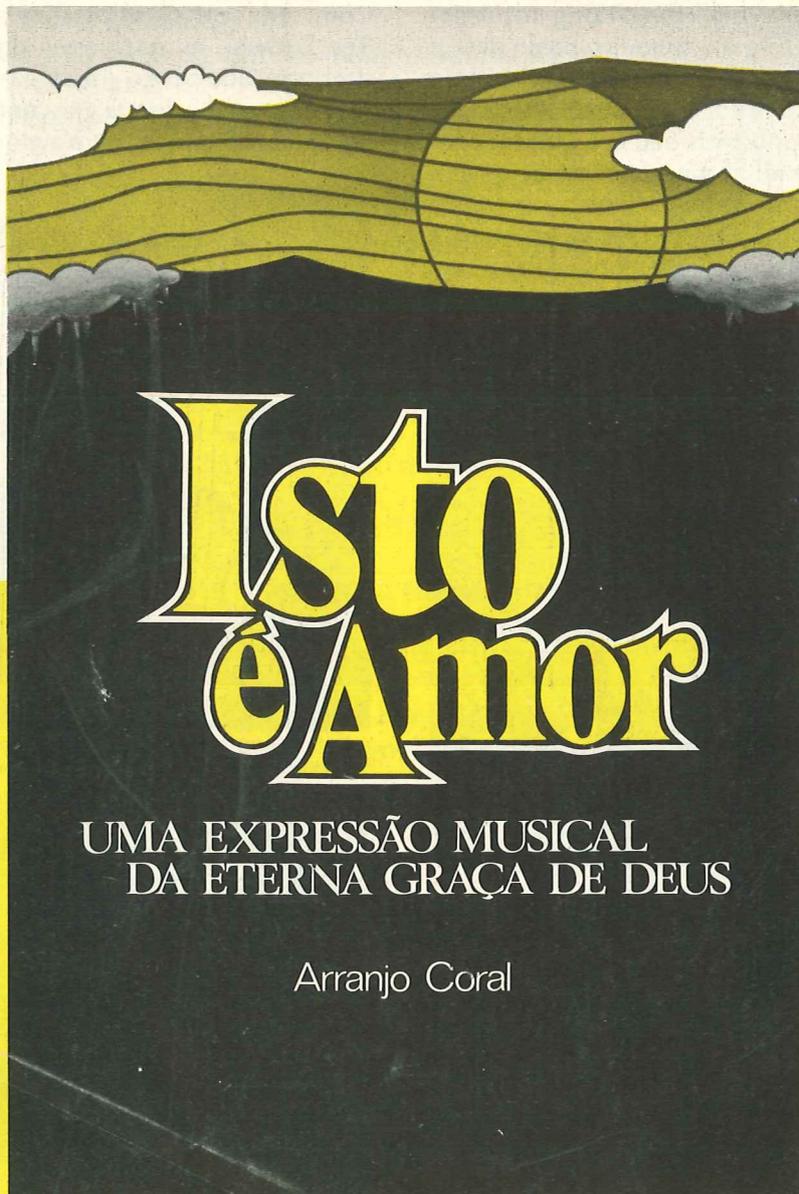
CRESCIMENTO

Começou com 50 membros. Em 13 anos a congregação nazarena de Olathe, Kansas (E.U.A.) teve um aumento de 866%. Os membros desta igreja votaram recentemente a construção de um novo templo, com capacidade para quatro mil pessoas.



Recebendo aqui alguns membros fundadores, o pastor Rex Ludwig aperta a mão de David Burch, nazareno residente em Curitiba, onde prepara sua tese de doutoramento.

Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos, todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e aos seus filhos para sempre! —Deuteronómio 5:29



Uma obra excepcional produzida pelo compositor R. W. Stringfield.
O arranjo coral foi feito por Dick Bolks, músico consagrado.
Este novo lançamento da **Lillenas** vem enriquecer
extraordinariamente a música
do culto evangélico.

Preço U.S. \$2.50

Faça hoje a sua encomenda à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES